

A CONEXÃO ORGÂNICA E OS CRITÉRIOS DA EXPÉRIENCIA EM JOHN DEWEY

LEONOR GULARTE SOLER¹; KELIN VALEIRÃO²

¹UFPel – leonorgulartesoler@gmail.com

²UFPel – kpaliosa@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa apresentado faz parte de um estudo sistemático acerca dos contributos do pensamento de John Dewey à filosofia da educação. A escolha da análise do tema, em âmbito educacional, surgiu do anseio de uma investigação mais rigorosa acerca da teoria da experiência e como ela pode contribuir para o cenário atual da educação brasileira.

O intuito é dialogar com as ideias do filósofo-educador estadunidense que defendeu arduamente a experiência enquanto base de toda a educação. Seu pensamento educacional nasceu de sua epistemologia e a ela nutre, diante disso, a defesa de que educação e filosofia constituem um todo indivisível.

O termo “experiência” aparece no título de três de suas mais importantes obras: *Experiência e natureza* (1925), *Arte como experiência* (1934), *Experiência e educação* (1938), porém, devido a sua minuciosa investigação do tema em inúmeros trabalhos, Dewey é considerado por muitos estudiosos como o “filósofo da experiência”.

2. METODOLOGIA

Tomaremos como base a obra *Experiência e educação* (1938) de John Dewey, visto que a pesquisa é de cunho bibliográfico. Esta obra apresenta reflexões amadurecidas em relação ao posicionamento do filósofo diante da nova e da velha concepção de educação, uma vez que, neste período, já havia escrito grande parte de sua obra filosófico-educacional.

Nesta pesquisa o objetivo é apontar as contribuições do pensamento de John Dewey para a educação, ressaltando a importância da relação estreita entre experiência e educação, relação esta, que o autor utiliza-se da expressão “conexão orgânica”; do mesmo modo, apresentar os princípios: continuidade e interação, princípios estes fundamentais para que se possa compreender a qualidade de uma experiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No segundo capítulo da obra *Experiência e educação* (1938) Dewey reconhece a necessidade de uma teoria da experiência. Para o filósofo, os princípios gerais da nova educação não resolvem nenhum dos problemas práticos das escolas progressivas, pelo contrário, levantam novos problemas, à vista disso, fica claro que não é abandonando o velho que será resolvido qualquer problema. Em meio a todas as incertezas que confrontam a nova educação há um pressuposto fundamental que é de consenso geral: há conexão orgânica entre educação e experiência pessoal.

Segundo Dewey, a crença de que toda a educação acontece através da experiência não quer dizer que toda a experiência seja educativa. Tudo depende da qualidade da experiência pela qual se passa. O critério para julgar o valor de uma experiência está em examinar o que acontece sobretudo após a experiência (DEWEY, 1976).

Quando uma experiência distorce o crescimento para novas experiências posteriores, ela é deseducativa. São vários os exemplos que Dewey apresenta como experiência deseducativa: ao produzir dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida, ela restringe a possibilidade de experiências mais ricas; pode também aumentar a destreza em uma atividade automática, mas habituar a pessoa a certos tipos de rotina, fechando o caminho para novas experiências; pode ser agradável de imediato, porém, por atitudes descuidadas pode impedir a pessoa de tirar dela tudo que pode dar; podem ser desconexas umas das outras, que mesmo agradáveis, não se articulam entre si.

Todos esses exemplos de experiência acontecem na educação tradicional. O problema ao qual Dewey se refere não é a falta de experiência, e sim o caráter defeituoso destas e a falta de conexão com futuras experiências.

É necessário insistir na qualidade da experiência. De acordo com Dewey, a qualidade da experiência segue dois critérios: i) o imediato – que pode ser agradável ou desagradável; ii) o mediato – da influência de experiências futuras. Este último é um desafio para o educador, uma vez que ele tem a tarefa de dispor as coisas de tal modo que a experiência, além de agradável, enriqueça o aluno e o prepare para novas experiências futuras. Além disso, para compreendermos o problema da qualidade de uma experiência, o filósofo apresenta dois princípios: continuidade e interação.

A continuidade, ou *continuum experencial*, refere-se ao fato de que, como foi dito anteriormente, toda e qualquer experiência toma algo de uma experiência passada e modifica de alguma maneira as experiências futuras.

O segundo princípio – a interação – atribui direitos iguais a ambos os fatores da experiência: condições objetivas e condições internas em conjunto constituem uma situação. Os dois princípios são inseparáveis e em ativa união um com o outro dão a medida da importância e valor educativo da experiência em causa.

4. CONCLUSÕES

A teoria da educação, segundo o filósofo-educador, está marcada pela oposição entre a ideia de que a educação é desenvolvimento de dentro para fora e a de que é formação de fora para dentro; a de que se baseia nos dotes naturais e a de que é um processo de vencer as inclinações naturais e substituí-las por hábitos adquiridos sob pressão externa (DEWEY, 1976).

A partir do pensamento de John Dewey, não é mais possível pensar a educação como um processo que não seja contínuo, constantemente readaptado a novas experiências e situações. A escola desejada pelo filósofo é aquela que oportuniza o maior número de experiências novas e edificantes.

Cabe ao educador: compreender o que adquiriu com sua própria experiência passada; entender que toda a experiência humana é social, ou seja, envolve contato e comunicação; ser capaz de julgar quais atitudes são úteis ao crescimento contínuo e quais são prejudiciais; possuir simpatia e compreensão pelas pessoas como pessoas, para que assim tenha noção do que passa na mente dos que estão aprendendo. E, por fim, acima de tudo, saber utilizar as condições físicas e sociais do ambiente para delas retirar tudo que contribua, de alguma forma, para um corpo de experiências saudáveis e válidas.

Para Dewey, a única possibilidade de fracasso de uma proposta que siga os princípios acima mencionados, reside na forma como esses princípios serão colocados em prática pelos educadores, uma vez que, para ele, não há disciplina no mundo tão severa quanto à disciplina de experiência sujeita as provas do desenvolvimento e direção inteligentes (DEWEY, 1976).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEWEY, J. **Democracia e Educação**: capítulos essenciais. São Paulo: Ática, 2007
- DEWEY, J. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- DEWEY, J. **Experiência e Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- VALEIRÃO, K. Dewey e a Educação. In: **Fundamentos da Educação**. Pelotas: NEPFIL, 2014, p. 63-73.